

COMPORTAMENTOS AGRESSIVOS E DESENVOLVIMENTO EMPÁTICO NA INFÂNCIA: INTERVENÇÃO EDUCACIONAL

Adriana Sousa Silva; Marília Pereira Dutra; Grazielle Azevedo Abreu; Camilla Marques da Silva;
Lilian K. de S. Galvão (orientadora)

Universidade Federal de Campina Grande, adriana.s.sousa@outlook.com

Resumo: A empatia é compreendida por M. Hoffman como uma habilidade social que propicia ao sujeito a experiência de se pôr no lugar do outro. Em relação ao termo agressão, não existe um consenso claro a respeito de sua definição, podendo ser utilizado para indicar desde um comportamento confiante, vigoroso e empreendedor, a um que magoa, fere ou destrói. Este trabalho tem como objetivo promover o desenvolvimento empático infantil tendo em vista a diminuição de comportamentos agressivos. Trata-se de uma pesquisa-intervenção realizada com crianças do 4º ano do ensino fundamental de uma escola pública da cidade de Campina Grande-PB, com idades entre 8 e 10 anos. Os dados obtidos foram registrados em um Diário de campo e analisados com base na análise de conteúdo de L. Bardin. Para promover a empatia, as intervenções realizadas foram organizadas em 4 etapas, a saber: 1) Sensibilização (com uso do desenho animado); 2) Vivência (com o uso do Quadro das emoções/Psicodrama); 3) Expressão artística (com o uso de massa de modelar/desenho livre) e 4) Roda de conversa. Os resultados demonstraram que é possível, dentro do ambiente escolar, ajudar as crianças a lidarem com os comportamentos agressivos por intermédio do desenvolvimento empático. Defende-se que a escola deve ter como foco principal as aprendizagens acadêmicas, mas não pode, de forma nenhuma, negligenciar o desenvolvimento de habilidades sociais, como a empatia e a socialização. Por fim, com base nos resultados, propõe-se uma parceria entre a família e a escola com o objetivo fomentar uma cultura de paz, com base no respeito e no cuidado.

Palavras-chave: Empatia, comportamentos agressivos, infância, educação.

1. INTRODUÇÃO

O estudo sobre a agressividade na infância vem gerando cada vez mais interesse de grande parte dos estudiosos (PAVARINO; DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2005). Entre os psicólogos sociais não existe consenso quanto a uma definição satisfatória para o termo agressão, podendo ser utilizado para indicar desde um comportamento confiante, vigoroso e empreendedor, a um que magoa, fere ou destrói (MYERS, 2000). Buss e Perry (1992) consideram que a agressão pode se expressar de quatro formas: a) agressão física: bater, empurrar, chutar, esmurrar alguém; b) agressão verbal: palavrões, insultos, palavras de afrontas; c) raiva: expressa reações de fúria,

dificuldade de controlar o temperamento e fácil irritação, deixando-a transparecer e d) hostilidade: reflete, principalmente, condutas de desconfiança em relação aos outros.

A empatia, compreendida como uma habilidade de se pôr lugar de outra pessoa e compreender seus sentimentos (HOFFMAN, 2000), é considerada na literatura como uma competência que contribui para o desenvolvimento de diferentes habilidades sociais e favorece a obtenção de uma convivência harmônica entre pares (GOLÇAVEIS; MURTA, 2008). De acordo com Galvão e Dutra (2016), mediante levantamento bibliográfico realizado, a promoção da empatia favorece a saúde mental, o aumento do índice de preocupação com o outro e previne a violência.

Tomando como referência a indicação de Galvão (2010), com base em resultados de estudos empíricos de que é possível aumentar a sensibilidade empática por intermédio de intervenções educacionais, e a proposição teórica de Pavarino, Del Prete e Del Prete (2005) de que é preciso maior investimento educacional em programas preventivos para inibir os comportamentos agressivos por intermédio do desenvolvimento da empatia, foi criada uma proposta de intervenção que tem por objetivo principal promover o desenvolvimento empático e, conseqüentemente, a diminuição dos comportamentos agressivos. Para tanto, parte-se do pressuposto de que o contexto educacional possui um ambiente propício para o desenvolvimento de aprendizagens que incluem a habilidade empática (RODRIGUES; SILVA, 2012), o conhecimento de sentimentos e o desenvolvimento de práticas positivas de resolução de conflitos (LEME, 2004).

2. METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa-intervenção realizada com dois grupos de crianças com cerca de 18 participantes cada, na faixa de sete a dez anos, de uma escola pública da cidade de Campina Grande-PB. Foram realizados 12 encontros (com a duração de 60 minutos, conduzidos por duas colaboradoras e uma mediadora), dos quais, em função do volume de dados, serão relatados apenas os dois que versam sobre Comportamentos agressivos. Os resultados qualitativos oriundos de um Diário de Campo foram analisados por intermédio da Análise de Conteúdo de Bardin (1979) e a coleta de dados seguiu o procedimento ético padrão, sendo aprovada pelo comitê de ética em pesquisa com seres humanos (CAAE: 66072816.2.0000.5182). No Quadro 1 foram apresentados os temas, recursos e técnicas utilizadas nas intervenções que serão descritas na seção de Resultados.



DIA	Intervenções
1	<p>Tema: Como eu me sinto quando...</p> <p>Recursos: Animação O nervosinho, Quadro das emoções, Massa de modelar.</p> <p>Técnica: Adaptação da proposta de Barros <i>et al.</i> (2014)</p> <p>Objetivo: Estimular a expressão e relato das crianças a respeito de suas emoções no contexto de violências físicas e verbais, invertendo-se os papéis de vítima e agressor.</p>
2	<p>Tema: O compartilhar de uma história</p> <p>Recurso: Animação Meu furão é um valentão, boneco de pano, lápis e papel.</p> <p>Técnica: Adaptação da técnica das almofadas (MORENO, 2003).</p> <p>Objetivo: Estimular os participantes a relatarem suas experiências em atos de agressão na qualidade de vítima e agressor.</p>

Quadro 1: Intervenções: temas, recursos e técnicas.

Fonte: elaboração própria.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1. Primeiro dia: Como me sinto quando...

Segundo Falcone (1998), a habilidade de expressar sentimentos pode ser considerada como fator fundamental no processo para o desenvolvimento de habilidades como a empatia. Com base nessa consideração, foi realizada uma intervenção que teve como objetivo primordial estimular a expressão de emoções a respeito do tema comportamentos agressivos. Para tanto, a intervenção seguiu 4 etapas, a saber: 1) Sensibilização (com uso do desenho animado); 2) Vivência (com o uso do Quadro das emoções); 3) Expressão artística (com o uso de massa de modelar) e 4) Roda de conversa.

Para sensibilizar as crianças em relação ao tema, foi reproduzido o vídeo intitulado “O nervosinho”, disponível no *Youtube* de forma gratuita, com duração de 3 minutos e 16 segundos, produzido pelo estúdio Tortuga. O curta retrata a história de Fabinho, um menino que em função de seus comportamentos agressivos começa a ficar sem amigos, o que faz com que seu pai o presenteie com um peixinho que apresenta comportamentos agressivos para tentar fazer o menino refletir sobre suas ações. Com a chegada do peixinho, Fabinho começa a refletir a respeito das suas atitudes e acaba melhorando a sua forma de interagir com seus amigos da escola.

Conforme pode ser observado nas falas extraídas do Diário de Campo, o vídeo o “O nervosinho” mostrou-se um recurso didático interessante para promover um processo de identificação com o personagem e para levantar questões sobre o tema “comportamentos agressivos”:

“Eu também era nervosa, xingava”

“Ele era muito nervoso, não tinha paciência com nada, igual a mim, que também sou assim”. “Ele é mal educado”.

“Ele era muito nervoso e aprendeu com o peixe.”

“Eu sou o nervosinho”

“Tia, tudo que a gente sente, as outras pessoas sentem também, né?”

A segunda etapa contou com o recurso intitulado “Quadro das emoções”. Antes da utilização do referido quadro, foram apresentados às crianças *emoticons* de medo, raiva, tristeza, alegria e vergonha (Figura 1), que ficaram expostos como modelo. Em seguida, foram entregues às crianças folhas de papel e lápis de hidrocor para que elas desenhassem o que elas sentiam quando vivenciavam agressão verbal e física (BUSS; PERRY, 1992): 1) gritavam com alguém; 2) alguém gritava com elas; 3) batiam em alguém; 4) alguém batia nelas. Note-se que para estimular a inversão de papéis, exercício essencial para a promoção da capacidade empática, as crianças foram convidadas a expressarem seus sentimentos tanto do ponto de vista do agressor, como da vítima.

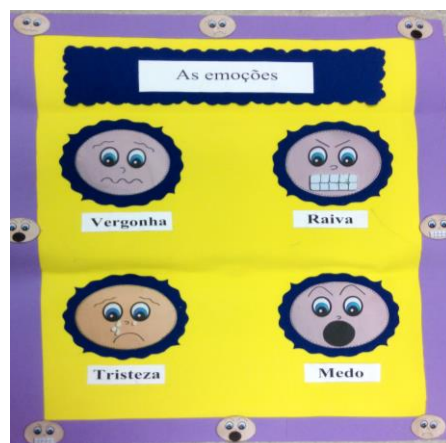


Figura 1: *Emoticons.*

Fonte: Registro fotográfico próprio.

Conforme pode ser visto na Figura 2, quando as crianças eram vítimas de agressão, prevaleceram os sentimentos de raiva e medo e quando eram autoras da agressão, evidenciavam-se os sentimentos de tristeza e raiva.



Figura 2: Quadro das emoções.
Fonte: Registro fotográfico próprio.

Apesar desse não ser o objetivo inicial da proposta, o trabalho com o “Quadro das emoções” propiciou no decorrer de sua construção o compartilhar de situações da vida real, tanto na perspectiva da vítima, quanto na do agressor, levando as crianças a vivenciarem dois lugares distintos. Seguem os relatos:

- “Minha mãe já gritou comigo”
- “Eu grito com meu avô, minha avó, minha mãe, com meus colegas”.
- “Eu já apanhei do meu pai e da minha mãe com um cano de ferro”
- “Eu já bati num menino e só sosseguei quando tirei sangue dele”
- “Grito quando ele me aperreia”
- “Grito quando ela puxa o meu cabelo”

Em conformidade com Pavarino; Del Prete e Del Prete (2005), defende-se que a escola deve ser um lugar de compartilhamento de vivências e construção de valores que enaltecem a não-violência. O espaço dado às crianças para expressarem seus sentimentos e, mais do que isto, para se colocarem em diferentes perspectivas, mostrou-se uma estratégia oportuna para se trabalhar os comportamentos agressivos dentro da escola. Por outro lado, é inegável, a partir das falas das crianças, que é necessária a realização de intervenções que atinjam outras instâncias, como a família, por exemplo.

No terceiro momento da intervenção, foi pedido às crianças que utilizassem massas de modelar para que pudessem expressar como se sentiam em relação às agressões físicas e verbais que já vivenciaram (Figura 3). As imagens produzidas pelas crianças se reportaram a situações em que elas exerciam tanto o papel de vítima, quanto o de agressor.



Figura 3: Imagens produzidas na intervenção sobre Comportamentos agressivos.
Fonte: Registro fotográfico próprio.

Na quarta e última etapa, foi realizada uma roda de conversa sobre a prática de comportamentos agressivos. Nesse momento, as crianças puderam ouvir e serem ouvidas sobre as consequências de ações violentas, assim como tiveram a oportunidade de conversar a respeito do que sente quem é agredido e quem agride. Conforme o esperado, essa foi uma etapa muito rica que revelou, em consonância com o que preconiza Arnold (2003), que é necessário o incentivo de experiências cognitivas para a experimentação da capacidade empática.

3.2. Segundo dia: O compartilhar de uma história...

Com o objetivo de estimular os participantes a relatarem suas experiências relacionadas a vivências de comportamentos agressivos, tanto na qualidade de vítima como na de agressor, foi elaborada uma intervenção para acontecer em quatro etapas, a saber: 1) Sensibilização (com o uso de desenho animado); 2) Vivência (com o uso do psicodrama); 3) Expressão artística (com o uso do desenho livre) e 4) Roda de conversa.

Para sensibilizar os alunos com o tema a ser trabalhado, foi proposta a reprodução da animação infantil “Meu furão é um valentão”, com a duração de 2 minutos e 12 segundos, produzido pela *Play Kids Brasil* e disponível no *Youtube* de forma gratuita. A animação conta, por meio da música, a história de um furão que fazia “brincadeiras” com seus amigos da escola, as quais os machucavam e os deixavam tristes, e que muda de comportamento no momento em que

alguém o machuca e ele sente a necessidade de ser ajudado. O desenho, segundo registros do Diário de Campo, levou os participantes a refletirem que “o furão ficou mais feliz quando deixou de agredir seus colegas, mudando suas atitudes e se tornando um menino feliz e alegre”.

No segundo momento da intervenção, foi disponibilizado um boneco de pano para que as crianças projetassem suas histórias nele, utilizando-se como estímulo inicial a frase “Meu furão valentão é...”. A técnica utilizada é uma adaptação da Técnica da almofada, de Moreno (2003), que teve seu recurso principal (uma almofada) substituído por um boneco, no sentido de tornar mais concreto o objeto da projeção. Em consonância com a técnica moreniana, à medida em que as crianças iam compartilhando suas histórias, elas foram convidadas a expressarem como se sentiam em relação às agressões e solicitadas a expressarem seus sentimentos para o boneco como se ele fosse, de fato, o agressor. Seguem alguns dos relatos:

“Eu lembro de quando você me empurrou contra a parede e eu me machuquei, senti uma dor no coração porque não queria que você tivesse feito isso comigo e por isso não gosto tanto de ser seu amigo.”

“Meu furão valentão é minha tia, que fica me colocando de castigo direto, mesmo sem eu ter feito nada. Eu queria dizer que eu odeio quando ela faz isso, me deixa com muita raiva”.

“Meu furão valentão é minha mãe que quando fica estressada fica gritando comigo sem motivo”.

“Igual ao meu pai. Eu aprendi a ser agressivo com ele”.

Nesse momento, as crianças que sempre eram apontadas como agressoras, puderam compartilhar, como uma forma de exercitar a compreensão empática, situações desconfortáveis em que elas foram agredidas. De acordo com a análise dos registros do Diário de Campo, percebe-se que a maioria das falas remete a situações conflitantes relacionadas ao ambiente escolar, seguida do ambiente familiar, com o predomínio de sentimentos de raiva, medo e tristeza, o que revela a importância da realização de intervenções dessa natureza. Afinal, como destaca Delors (2010), tendo como base a UNESCO, a escola deve ser um lugar para além das aprendizagens acadêmicas, um espaço de “aprender a conviver” e “aprender a ser”.

Mesmo não sendo a proposta inicial da intervenção, a vivência da técnica moreniana de Psicodrama foi um momento de reconciliação e expressão de sentimentos guardados, pois algumas crianças que foram citadas como sendo os valentões puderam explicar o motivo de terem agido de forma agressiva., sendo um momento de troca de desculpas, promessas de não fazer mais e de gestos de carinho e abraços. Este momento foi apoiado por todos os membros do grupo, que demonstraram sua aprovação com aplausos a cada reconciliação vivenciada. Seguem algumas falas:

“Eu queria que ele parasse e me deixasse em paz. Ele tá aqui na sala e eu queria que ele me pedisse desculpas”;

“Eu queria que ela não me batesse mais e nem me apelidasse mais”. “Não faça mais isso, nem comigo, nem com os outros”.
Eu queria que essa menina que puxou meu cabelo fosse me pedir desculpas.

Sobre a resolução de conflitos, Costa (2000) destaca que os modos pelos quais as crianças aprendem a gerir seus momentos de conflito podem influenciar, de forma direta, a sua relação com as demais pessoas ao seu redor. É nesse sentido que se recomenda que outros trabalhos sejam realizados nessa direção.

Na terceira etapa da intervenção, as crianças foram convidadas a desenharem situações de agressões que vivenciaram e expressarem como se sentiam. As produções dos desenhos realizados por elas demonstraram que elas compreendem a importância do respeito, do cuidado com outro e de que a ação de agredir pode magoar (“partir o coração”) (Figura 4).



Figura 4: Desenhos produzidos na intervenção sobre Comportamentos agressivos.
Fonte: Registro fotográfico próprio.

Os comportamentos de sociabilidade construídos após a intervenção realizada apoiam a ideia de Gonçalves e Murta (2008) de que a promoção de empatia pode ser um fator de proteção contra comportamentos anti-sociais e pode favorecer a obtenção de habilidades de respeito e amizade.

Para finalizar, realizou-se uma Roda de conversa sobre o tema comportamentos agressivos, a partir do que foi vivenciado, tendo como fundamento a afirmação de Motta et al (2006) a respeito da necessidade de proporcionar às crianças momentos de comparação sobre suas ações e emoções, criando oportunidades que possam ampliar sua sensibilidade mediante situações em que possam compreender o outro, pondo-se em seu lugar.



4. CONCLUSÃO

Com base nos resultados relatados, conclui-se que é possível ajudar as crianças, dentro do ambiente educacional, a lidarem com os comportamentos agressivos por intermédio do desenvolvimento empático. Defende-se que a escola deve ter como foco principal as aprendizagens acadêmicas, mas não pode, de forma nenhuma, negligenciar o desenvolvimento de habilidades sociais, como a empatia e a socialização. Afinal, do que adianta as crianças saberem todos os conteúdos acadêmicos e não saberem lidar com as pessoas ao seu redor? Por outro lado, é relevante esclarecer que afirmar que a escola pode contribuir para o desenvolvimento de habilidades sociais, não isenta a família de sua responsabilidade nesse processo. O que se propõe, na verdade, é uma parceria entre família e escola, tendo em vista que os dados revelam que os comportamentos agressivos perpassam os mais diversos cenários e personagens. Algumas falas, inclusive, dão a entender que a criança acaba reproduzindo na escola atos de agressão vividos na família, e vice e versa.

Por fim, tem-se ciência de que as questões relacionadas aos comportamentos agressivos também estão ancoradas em questões mais amplas, como a influência da mídia, da cultura e de desigualdades sociais, o que intervenções como essas não dão conta. Por outro, parafraseando Pablo Neruda, “nós, o de então, já não somos os mesmos”: crianças se reconciliaram, aprenderam a lidar com conflitos, a reconhecerem que estão erradas, a se colocarem no lugar do outro e a construir um ambiente de respeito mútuo. Nesse sentido, acredita-se que propostas de intervenções que atingem apenas uma microcultura, já é um começo para a tão almejada transformação social.

REFERÊNCIAS

ARNOLD, R. *Empathic intelligence: the phenomenon of intersubjective engagement*. Trabalho apresentado na I International Conference on Pedagogies and Learning Queensland, Australia. 2003. Recuperado em 06 de Novembro de 2009, de <http://www.aare.edu.au/04pap/arn04242.pdf>

BARROS, Maria João et al. *Vamos falar de emoções - partilha de uma experiência na escola*. In: Anais do 5.º Congresso Internacional de Psicologia da Criança e do Adolescente, Lisboa, 2014.

BUSS, A. H; PERRY, M. *The aggression questionnaire*. *Jornal of Personality and Social Psychology*, 63, 452-459. (1992).

COSTA, Márcia Rosa da. *Eu também quero falar: um estudo sobre infância, violência e educação*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2000. 181p

DELORS, Jacques (Org.). *Educação um tesouro a descobrir: relatório para a UNESCO da comissão internacional sobre educação para o século XXI*. Ed. UNESCO, 2010.

FALCONE, E. O. *A avaliação de um programa de treinamento da empatia com universitários*. Tese de doutorado. Universidade de São Paulo, São Paulo. (1998).

GALVÃO, L. K. S. *Desenvolvimento moral e empatia: medidas, correlatos e intervenções educacionais*. 2010. 299 f. Tese de Doutorado, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2010.

GALVÃO, L. K. S.; DUTRA, M. P. *Empatia na educação infantil e o uso de desenho animado*. In: III Congresso Nacional de Educação – CONEDU. 2016. Natal. p. 1-11.

GONÇALVES, Elaine Sabino; MURTA, Sheila Giardini. *Avaliação dos Efeitos de uma modalidade de treinamento de habilidades sociais para crianças*. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, 21(3), 430-436, 2008.

HOFFMAN, M. L. *Empathy and moral development: implications for caring and justice*. New York: Cambridge University Press, 2000.

LEME, M. I. S. *Educação: O rompimento possível do círculo vicioso da violência*. In: MALUF, M. R. (Org.). *Psicologia educacional: Questões contemporâneas*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004, p. 163-175

MYERS, David G. *Psicologia social*. Tradução de A. B. Pinheiro de Lemos. Rio de Janeiro: LTC, 2000.

MOTTA, Danielle da Cunha; FALCONE, E. M. O.; CLARK, C.; A.C. MAGALHAES. *Práticas educativas positivas favorecem o desenvolvimento da empatia em crianças*. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 11, n. 3, p. 523-532, set./dez. 2006.

PAVARINO, Michelle Girade; DEL PRETTE, Almir; DEL PRETTE, Zilda A. P. *O desenvolvimento da empatia como prevenção da agressividade na infância*. *PSICO*, Porto Alegre, PUCRS, v. 36, n. 2, pp. 127-134, maio/ago, 2005.

RODRIGUES, Marisa Cosenza; SILVA, Renata de Lourdes Miguel da. *Avaliação de um programa de promoção da empatia implementado na educação infantil*. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, Rio de Janeiro v. 12 n. 1 p. 59-75, 2012.

Links dos recursos sugeridos:

Animação “O nervosinho”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=MmIdhyncdT4>.



Desenho “Meu furão é um valentão”. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=WR8mskwUt5I>.

Agradecimento

Ao CNPq pelo financiamento do Projeto.